

O Caroço-oco de Renato Rezende

ou do escrito, do amor e de seus dejetos

Cláudio Oliveira

Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu, eu te mutilo. Esta frase de Lacan nos lança no cerne da *narrativa* de *Caroço*, o segundo volume da trilogia de Renato Rezende que se iniciou com a publicação de *Amarração* (Círcito, 2012). Angustiado com o fracasso de um amor que o desestruturou, o protagonista narrador desta novela, nos intervalos de uma jornada entre Rio Preto, Bragança e São Paulo (cenários ao mesmo tempo de sua história e da de sua família), busca “o núcleo *daquilo* (o tsunami que aparentemente havia devastado sua vida, criado por um abalo sísmico nas profundezas do oceano ou por um gigantesco meteoro que caíra do céu, vindo sabe-se lá de onde, alienígena), o caroço-oco”. Este caroço, em si mas do que si mesmo, será precisamente o que, no improvável desta história de amor, terá que ser mutilado do corpo do Outro como um dejetos. Pois o que o protagonista encontra no meio dessa jornada, para surpresa do leitor, poderia ser ilustrado, à perfeição, por outra frase de Lacan, que se enuncia da seguinte forma: *Eu me dou a ti, mas esse dom de minha pessoa se transforma inexplicavelmente em presente de merda*. Nos escombros em que se move, entre os restos da narrativa que descreve, passando por figuras familiares, amigos de juventude, apartamentos vazios, fazendas semiabandonadas, sites de prostituição virtual na internet e outros lugares que descrevem o mapa de sua vida, José Maria, o narrador e protagonista, encontra sua revelação: “o núcleo era, pode ser que fosse, vamos imaginar que tenha sido, que seria, aquilo, o meteorito, o objeto mínimo, com carga máxima, potência e voltagem de buraco negro – vindo mesmo do buraco negro – o buraco negro encarnado, enfim um seu fragmento em linguagem, puro milagre, benção, benção, signo, aquela coisa no chão do quarto, dejetos pelo corpo dela deixado (...), generosa partícula que poderia lhe desvendar o todo, o vão, filho do buraco, como Jesus filho de Deus, isso era, aquilo, aquele nada, aquele pedaço de estrume”. A narrativa de *Caroço* nos joga em cheio, de modo perturbadoramente concreto, naquilo que no Outro não é mais que um objeto-dejeto, este *em ti algo que é mais do que tu*. Como já vinha se esboçando em sua obra poética, em flashes que eclodem desde seu primeiro livro de poesia, *Passagem* (1990) (“Transformar o segredo em palavra:/Sou uma mulher cansada./Escondida no corpo de um homem,/Deitada. Domino a fala, mas o mundo/Domina o falo. E estou calada, me calo./Sou uma mulher cansada. O mundo/Me goza, completamente entregada.”), o encontro com esse objeto na experiência do amor não é sem uma profunda e radical confrontação, tanto com o impossível da relação sexual, quanto com o modo como cada um, homem ou mulher, faz suplêncio a esse impossível. Se *Amarração*, o primeiro livro da trilogia, nos descreve todos os expedientes masculinos típicos de fazer suplêncio aos desencontros com o Outro sexo, em *Caroço*, mesmo sendo o protagonista um homem, é

desde o lugar do feminino que José Maria dá origem a Maria José, aquilo que, parafraseando Lacan, poderia ser descrito como o que nele, é mais do que ele, e que se mostra à luz do dia, numa epifania cosmogônica raras vezes vista em nossas letras e que talvez só tenha correspondente na própria obra de Renato Rezende, em seu último livro de poesia, *Noiva* (Azougue, 2008). Pois como nos ensina ainda Lacan, *quando um ser falante qualquer, isto é, seja homem ou mulher, se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica*. Aqui, para aqueles que acompanham o percurso fascinante da escrita de Renato Rezende, se mostra o verdadeiro caroço deste livro e da obra do autor como um todo: no encontro com o feminino, o próprio protagonista se descobre alinhado sob a bandeira das mulheres, o que gera uma degradação do esforço fálico de narrativa iniciado em *Amarração* e que ainda dá algum tipo de suporte, mesmo que precário, à narrativa de *Caroço*. Se a narrativa é a tentativa de construir uma escrita masculina, o que talvez seja o modo como podemos definir a literatura, haveria, se não na literatura, ao menos no escrito, uma impossibilidade narrativa que o feminino convoca. *Caroço*, a seu modo, também pode ser lido como um conflito entre a literatura e o escrito, encarnado na tensão entre o masculino e o feminino. Mas a obra de Renato Rezende provavelmente não seja capturável pelo que entendemos por literatura. Também Lacan, às voltas com um problema semelhante, resistiu ao termo e forjou o neologismo *lituraterra*, para falar de uma escrita frente à qual a própria literatura falece. Pois o escrito, tal como ele o define, é *o que é oferecido a ler pelo que, da linguagem, existe, isto é, o que vem a se tramar como efeito de sua erosão*. Em outras palavras, o escrito é feminino. E o feminino não tem história, não é narrável. Falar em história, em narrativa, já é ter cedido ao falo. Por isso, leitor, se me perguntas, qual é a história de *Caroço*, eu te direi: é a história do fim da história. Mariajo, seu fruto proibido, não é nem Eva nem Adão, mas apenas uma costela que ficou jogada no chão do paraíso, abandonada até mesmo pela serpente.